

## **DESAFIOS E PROBLEMAS DE UMA PUBLICAÇÃO MARXISTA NO BRASIL: 15 anos de Crítica Marxista \***

**Caio Navarro de Toledo  
da**

### **Editoria de CM**

#### 1.1. Origens: breve histórico

Dezessete anos atrás, alguns professores e pesquisadores, na sua maioria da Unicamp, reuniram-se para discutir a possibilidade de criação de uma revista marxista. Nessa conjuntura histórica, a celebração do fim do socialismo e a hegemonia da doutrina neoliberal tornavam este projeto um enorme desafio intelectual e político. Duas formulações – amplamente difundidas pela mídia em todo o mundo – sintetizavam o contexto ideológico do período: 1) o triunfo da democracia liberal teria decretado o “fim da história” e das ideologias e 2) “não existiria mais alternativa ao capitalismo” [tal como a expressão inglesa “There is no alternative” (Tina) buscava manifestar].

Os tempos, pois, se configuravam difíceis para os socialistas e marxistas.

Desde 1992, diversos encontros se sucederam visando definir o projeto editorial da publicação (seus objetivos, conteúdo, periodicidade etc) bem como a busca de uma editora comercial que aceitasse publicar uma revista ... de esquerda e marxista.

Começo como indagação de natureza “sociológica”: o que explicava a presença majoritária de acadêmicos da Unicamp na discussão desse projeto editorial? Como explicar a presença de apenas um professor da USP nestes encontros?

Descartando a hipótese do sectarismo por parte dos docentes da Unicamp, a razão parece ser simples: nos anos 1980 e 1990 a teoria marxista deixou de ser uma referência relevante para a reflexão e a pesquisa dos professores da USP, ao contrário do que tinha ocorrido nos anos 1960 e 1970. Embora nestes anos a teoria marxista nunca tivesse sido dominante no interior dos Departamentos de Filosofia, Ciências Sociais e História da USP, era inegável que seus docentes não eram indiferentes ao marxismo. O contexto político e ideológico dos dois períodos – governo Jango e a resistência à ditadura – certamente foi decisivo para explicar o interesse pela teoria marxista. Como também observou Roberto Schwarz, embora a direita tenha sido politicamente vitoriosa em 1964, durante a ditadura, a hegemonia no plano cultural e no debate das ideias não deixava ser de esquerda.

Assim, se a obra de Marx não era regularmente ministrada nas disciplinas de graduação da USP, não era, porém, ignorada por seus docentes. Ignoradas eram, sim, as obras de Engels, Lênin, Rosa bem como as de outros clássicos do marxismo.

Sabe-se que a obra decisiva de Marx, *O Capital*, foi objeto de um famoso grupo de estudos na USP;

segundo alguns, este Seminário teve duas edições. Na primeira, de fins dos anos 1950 até início dos anos 1960, estavam professores que alcançariam notoriedade nas décadas seguintes: FHC, José Arthur Giannotti, Paul Singer, Fernando Novais, Octavio Ianni, Francisco Weffort e outros; na sua 2ª. edição – segundo um artigo de E Sader –, estavam presentes jovens assistentes e pesquisadores; entre eles, Roberto Schwarz, Ruy Fausto, Emília Viotti, Sérgio Ferro, Michael Löwy, Emir Sader, Lourdes Sola, J. Quartim de Moraes e outros.

Se, de fato, ocorreram as duas edições do grupo sobre O Capital, verifica-se que a 1ª. edição teve um caráter eminentemente acadêmico (em uma palavra, a obra de Marx interessava basicamente pelo seu caráter metodológico), enquanto a segunda edição estava mais interessada pela dimensão política do marxismo. Isto se evidenciaria pelo título da revista criada em fins dos anos 1960: Teoria e Prática, editada por R Fausto, R Schwartz, M. Löwy e S Ferro.

Nos anos 1980 e 1990, contudo, a teoria marxista deixaria de estar presente nas cogitações dos filósofos e cientistas sociais da USP. A rigor, hoje na USP, é possível contar na palma da mão o no. de professores que se reivindicam marxista. Nos anos 1990, na Unicamp, particularmente no IFCH, o marxismo era uma referência importante e obrigatória nas aulas, na reflexão e nos trabalhos de vários de seus docentes. Isto explicaria que, nos meios acadêmicos dos anos 1990, uma publicação de orientação marxista apenas poderia surgir das iniciativas de alguns docentes da Unicamp.

Assim, com a colaboração de dois colegas de universidades federais e um da USP, alguns professores da Unicamp formularam um projeto editorial que navegaria na contracorrente de duas intensas celebrações: a de mais uma morte do marxismo e a do avanço do capitalismo neoliberal em todo o mundo. Um projeto editorial – consubstanciado num Manifesto de fundação – foi formulado e amplamente difundido nos meios acadêmicos de todo o país. A enorme receptividade e o entusiasmo provocados pelo documento convenceram-nos definitivamente do acerto de nossa iniciativa intelectual e política. Impunha-se, pois, criar uma revista que reafirmasse a relevância e a atualidade da teoria marxista.

Citemos as palavras iniciais do texto fundador da revista pois elas esclareciam o contexto intelectual e ideológico em que surgia a revista e seus principais objetivos:

“Nenhuma teoria teve a sua morte tantas vezes anunciada como o marxismo. O último desses anúncios fúnebres afirma que o marxismo teria sido superado na medida em que os trabalhadores repudiaram seus livros, suas teorias e seus símbolos. No Leste da Europa e na antiga URSS, não restariam hoje senão os escombros do socialismo e do marxismo (...)”

Contra essa velha impostura reativada com a virulência que as atuais circunstâncias propiciam à reação internacional, é sempre tempo de lembrar que o marxismo continua sendo o instrumento teórico decisivo e insubstituível para a análise e transformação da realidade social contemporânea”.

## 1.2) Criação e objetivos.

Em 1994, foi lançado o primeiro no. de CRÍTICA MARXISTA. A expressão crítica no nome não foi uma decisão arbitrária, pois buscava identificar o projeto intelectual da revista. Por meio desta noção, desejávamos afirmar que a teoria marxista é uma obra de natureza eminentemente crítica; crítica da economia política, crítica da filosofia idealista, crítica da ideologia burguesa, crítica do Estado burguês e da ordem capitalista.

Ressalve-se, contudo, que esta abrangente crítica não estaria fundada em bases idealistas ou voluntaristas; para os editores da revista, o materialismo histórico é o fundamento teórico decisivo e insubstituível para a análise, o conhecimento e a transformação da realidade social contemporânea. Para nós, a teoria marxista – que não se confunde com um receituário para a superação de todas as mazelas e contradições do capitalismo – dispõe de recursos analíticos que contribuem para o enfrentamento dos difíceis e complexos desafios intelectuais e políticos de nosso tempo; seus recursos autocríticos igualmente são decisivos para a sua própria renovação conceitual e teórica. Para nós, as teses e os conceitos desenvolvidos nas diferentes vertentes e tradições do marxismo têm sido fecundos instrumentos de pesquisa nos diferentes campos da reflexão teórica – na economia política, nas ciências sociais, na filosofia e na cultura.

Desde o início, nosso projeto editorial definiu, pois, como seu objetivo central o desenvolvimento e o aprofundamento da teoria marxista. Embora a revista publique artigos e debates sobre questões de ordem conjuntural, nossa “vocaçãõ” ou prioridade maior é a de buscar contribuir para a discussão teórica do marxismo no país. Afirmar a importância da dimensão teórica não significa, no entanto, refugiar-se no terreno da pura abstração conceitual ou no do mero teoricismo. Embora reconheçamos que o trabalho teórico tenha uma relativa autonomia, também concebemos que, freqüentemente, na prática social, teoria e política estão indissociadas. Esta dimensão do marxismo clássico – ignorada pelo chamado marxismo ocidental – ocupa um lugar importante no conjunto de nossas convicções básicas.

Neste sentido, o parágrafo final de nosso Manifesto deve ser lembrado pois, em certa medida, sintetiza o projeto editorial e político da revista:

“Propugnar a validade teórica do marxismo nunca será um ato gratuito e sem conseqüências. Significa reafirmar (...) a possibilidade histórica da revolução, do fim da exploração capitalista e da emancipação dos trabalhadores”.

Ao contrário daqueles que se orientam por outras teorias sociais, os marxistas afirmam que estão inteiramente envolvidos com os conflitos sociais e políticos fundamentais de seu tempo. Não havendo espaço para a neutralidade axiológica, cabe aos marxistas identificar quais as opções políticas que, no presente, melhor contribuem para o aprofundamento da luta anticapitalista na direção do socialismo.

Como publicação de esquerda e marxista, CM não se posiciona ou se identifica com as correntes

existentes dentro do espectro partidário no Brasil e no plano internacional. Pela natureza de nosso trabalho intelectual, a revista não se posiciona sobre questões conjunturais. Nosso engajamento se expressa concretamente pelas questões discutidas e assuntos examinados nas edições da revista. Neste sentido, o posicionamento da revista se revela pelo fato de que nela colaboram e escrevem apenas autores que se orientam pela teoria marxista e têm o socialismo como horizonte político. O ecletismo teórico não tem espaço em CM.

Embora a revista não se posicione sobre questões conjunturais, no entanto, em determinadas circunstâncias muito particulares, poderemos tomar determinadas iniciativas editoriais na luta político-ideológica em curso no plano nacional ou internacional. A este respeito, podemos citar duas iniciativas da revista neste ano de 2009: a denúncia do massacre contra o povo palestino (janeiro) e a defesa da liberdade para Cesare Battisti (outubro 2009).

### 1.3) O trabalho editorial: especificidade, limitações e desafios.

De forma sintética, pode-se afirmar que CM é uma revista que privilegia a pesquisa e o debate teórico pois partimos do pressuposto de que a obra marxista tem lacunas, dificuldades e problemas internos que exigem desenvolvimentos e aprofundamentos conceituais. Por outro lado, reconhecendo que, na atualidade, são várias as correntes teóricas que se reivindicam marxistas, entendemos que, na medida do possível, esta realidade deveria se refletir na composição do comitê e no trabalho editorial da revista.

Dispensável dizer que o caráter plural da revista impõe que a democracia interna seja uma efetiva realidade no modo de funcionamento do comitê de redação e na produção editorial da revista. Tais características distinguem CM das demais publicações marxistas. Ou seja, o caráter teórico de sua produção, o pluralismo, a democracia interna e a autonomia político-partidária são virtudes do trabalho editorial da revista; tais características a singularizam no conjunto das publicações marxistas e de esquerda, ontem e hoje no Brasil.

Quando examinamos os projetos editoriais das demais publicações marxistas existentes no país, evidencia-se a especificidade da intervenção intelectual de CM. Valendo-se da memória – não de uma pesquisa sistemática sobre o assunto –, diria que poucas publicações, no passado e no presente, privilegiaram, de forma sistemática, a obra teórica de Marx, os distintos aspectos da teoria marxista, o debate teórico em torno da luta pelo socialismo bem como as diferentes concepções ou vertentes do marxismo contemporâneo.

ESTUDOS SOCIAIS, vinculada ao PCB e publicada do final dos anos 1950 até o golpe de 1964, talvez tivesse, pelo seu caráter inovador e crítico, alguma semelhança com nosso projeto; mas, certamente seus vínculos partidários não deixavam de limitar sua independência política e restringir o debate teórico interno. TEORIA E PRÁTICA, citada anteriormente, na sua curta trajetória (apenas 3 nos. publicados), esteve voltada para a questão teórica, mas seus fortes vínculos com a tendência de esquerda Política Operária certamente comprometiam sua independência política. TEMAS DE CIÊNCIAS HUMANAS, nos anos 1970, também privilegiou a reflexão teórica, mas a orientação

fortemente lukacsiana restringia o debate dentro do marxismo. O mesmo poderia ser dito da revista ENSAIO dirigida por José Chasin nos anos 1980 e 1990 e, mais recentemente, editada por seus disciplinados discípulos: a obra de Lukács da maturidade (a Ontologia do ser social) e os trabalhos de Istvan Meszaros são referências obrigatórias dos textos que ali foram publicados.

Igualmente de forma esquemática, mas sem que isso implique uma análise arbitrária, tomemos as publicações - não revistas oficiais de partidos de esquerda - que hoje, entre nós, se reivindicam marxistas. Começando com a mais antiga: editada há 23 anos, NOVOS RUMOS é uma publicação do Instituto Astrojildo Pereira; originalmente vinculada a intelectuais do antigo PCB, a revista, a rigor, não deixa de manter vínculos com esta linhagem política e intelectual. Embora publique ensaios sobre o marxismo têm eles, contudo, um caráter de divulgação teórica. MARGEM ESQUERDA é uma verdadeira sucedânea da revista praga. Embora publique ensaios marxistas, como informa seu subtítulo, ME não tem como eixo o debate sistemático sobre a teoria marxista e as suas diferentes vertentes teóricas. Tal como seu extenso Conselho editorial, constituído de acadêmicos - alguns deles sem vínculo com o marxismo -, ME publica, com frequência, textos de autores de esquerda, mas que não assumem o materialismo histórico e filosófico como orientação teórica central. O estilo ensaístico, como a própria revista reconhece, predomina na produção editorial de ME. Por sua vez, OUTUBRO é uma publicação cuja produção e conselho editoriais estão comprometidos com o pensamento socialista; nas palavras de seus editores: "Outubro é uma ferramenta de discussão e de formação teórico-política daqueles sujeitos sociais comprometidos com a atualização do pensamento socialista". Ainda na autodefinição da revista, "suas principais características são a ênfase na reflexão crítica e inovadora acerca de problemáticas atuais, o pluralismo no campo da pesquisa e uma abertura às diferentes vertentes do marxismo". Criada em 1998, verifica-se que, nos últimos anos, amplia-se a participação na revista de autores que não se vinculam aos quadros da IV Internacional; mas, em contrapartida, sua reduzida Secretaria de Redação não deixa de revelar a presença majoritária de acadêmicos que se orientam por esta vertente do socialismo. LUTAS SOCIAIS, publicação oficial de um programa de pós-graduação da PUC-SP, é reconhecidamente uma atuante publicação de esquerda e na qual colaboram acadêmicos marxistas; no entanto, em virtude de seu vínculo institucional, não se define como uma revista marxista.

Longe desta avaliação está um juízo de valor sobre as revistas aqui nomeadas. O que buscamos ressaltar é a especificidade ou particularidade do projeto editorial de CM quando comparado com o das demais publicações marxistas, ontem e hoje, existentes no país. Acredito que todas estas publicações - desde que se empenhem com rigor e seriedade intelectual na discussão e pesquisa sobre o materialismo histórico - podem desempenhar um papel importante na elaboração e no desenvolvimento do pensamento crítico e transformador no Brasil. Que floresçam mais publicações de esquerda e marxistas de qualidade nos meios acadêmicos e - principalmente - fora deles! Por outro lado, é de se desejar que os editores de revistas marxistas e de esquerda saibam criar formas de cooperação e de relações que permitam difundir ainda mais o pensamento marxista e socialista no Brasil.

CM completa 15 anos. Isso não deixa de ser uma conquista tendo em vista o caráter efêmero das publicações de esquerda e marxistas no Brasil e em todo o mundo. Para chegar até aqui dificuldades

internas e externas foram superadas. Em alguns momentos, divergências e conflitos no interior da editoria dificultaram o funcionamento da revista. Igualmente dificuldades externas existiram: por exemplo, até o presente, cinco foram as editoras que abrigaram nosso projeto editorial. De forma humorada, diria que nossos editores respeitam-nos intelectualmente, mas nem sempre nos tratam bem...

Nesta avaliação de nossa trajetória não podemos também deixar de reconhecer importantes limitações.

Uma importante limitação de nosso trabalho editorial é a de que atuamos privilegiadamente nos meios acadêmicos pois aqui estão nossos leitores, apoiadores e colaboradores. As tiragens da revista – como das demais publicações universitárias – não ultrapassam 1.500 exemplares. Certamente raros são os dirigentes e militantes dos movimentos sociais e das forças políticas de esquerda que lêem a revista. Daí nosso desafio: o de buscar permanentemente responder, de forma criativa, às necessidades políticas e intelectuais dos militantes dos movimentos sociais e políticos transformadores, hoje atuantes no Brasil. O risco do teorismo se espreita quando não levamos devidamente a sério este desafio político e intelectual.

Quando afirmei acima que nossos editores nem sempre nos “tratam bem” pretendia dizer o seguinte: a produção de cada no. da revista praticamente depende apenas dos membros do comitê editorial; as editoras comerciais não colocam seus recursos técnicos e seu pessoal à nossa disposição pois não assumem a revista como parte de seu projeto editorial. Não divulgam nem distribuem a revista de forma ampla e eficiente. Por sua vez, os membros do comitê produzem CM paralelamente às suas atividades docentes e de pesquisa; isso significa que não podemos dedicar tempo integral à revista.

Do ponto de vista editorial, um problema recorrente é o de manter a qualidade da revista; se temos condições de publicar traduções de textos de bom nível de revistas estrangeiras, são reduzidos os trabalhos qualificados e originais que chegam à editoria. Em certa medida é o domínio da cultura produtivista e o “império” do curriculum Lattes, hoje presentes na universidade brasileira, que explicam a produção de textos pouco qualificados e, por vezes, quase de natureza escolar.

Por outro lado, forçoso é reconhecer que nos meios acadêmicos o marxismo cada vez mais deixa de conferir prestígio e notoriedade àqueles que se orientam teoricamente por ele. Pesquisas orientadas pelo marxismo não gozam de maior simpatia e acolhimento por parte de agências financiadoras; centros de estudos marxistas são mantidos sem maiores recursos em algumas universidades; nas reuniões da Anpocs a presença de trabalhos que discutem a teoria marxista é amplamente minoritária. Os marxistas têm dificuldades para publicar seus textos – ou seja, livros e ensaios em periódicos especializados. Quando têm seus livros editados, raramente são eles resenhados; dispensável dizer que os autores marxistas e socialistas não são convidados pela mídia burguesa a divulgar e debater seus trabalhos etc. Tome-se o exemplo de nossa revista: apesar de seus 15 anos de existência, CM é, praticamente, uma ficção para a mídia burguesa.

Não obstante as limitações, as dificuldades e as adversidades, creio que temos motivos para comemorar estes 15 anos de existência. Não apenas resistimos num contexto ideológico e político adverso à existência de publicações marxistas e de esquerda; por seu trabalho editorial efetivo – artigos, ensaios, produção de dossiês e debates, entrevistas etc. –, CM conquistou um lugar privilegiado na cultura política da esquerda brasileira. Nossa revista é, hoje, uma importante referência para todos acadêmicos e intelectuais que, no Brasil, se reconhecem no campo do marxismo crítico e revolucionário.

Por último, um Congresso como o que aqui se realiza na UFPr – possível em virtude da iniciativa colaboradores da revista – é uma prova efetiva da relevância, vitalidade e pertinência do trabalho editorial desenvolvido por CRÍTICA MARXISTA.

\* O texto que se segue orientou a intervenção do autor na abertura do Congresso “Marxismo e Ciências Humanas”, na UFPr, em dezembro de 2009.. Como foi esclarecido no início de minha intervenção no debate, as formulações ali desenvolvidas eram de minha estrita responsabilidade; ou seja, não expressam elas, necessariamente, o pensamento do conjunto do comitê editorial da revista Crítica Marxista.